

A Copa de 70, o governo Médici e a construção do morenã

João Fernando Pelho Ferreira.*

Tomado como um caminho possível para a análise da sociedade, o esporte chama para si a atenção de pesquisadores oriundos de inúmeras áreas do conhecimento. O futebol, precisamente, ganha destaque no cenário contemporâneo, constituindo um veículo de análise para uma miríade de fenômenos sociais. Nesse contexto, o estudo das Copas do Mundo pode ser uma via para a compreensão da relação entre o futebol e a identidade cultural de um povo, bem como dos mecanismos de alteração da ordem social.

A entrada em cena dos meios de comunicação de massa, fenômeno típico do século passado, potencializou o caráter ritual e simbólico desta competição entre seleções que representam nações, e a elevou a uma escala planetária. Os jogos das Copas estão entre os eventos de maior concentração de audiência global em todos os tempos, reunindo mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo. Nesses eventos são movimentadas cifras inimagináveis, acompanhando a transformação do futebol em um dos maiores negócios do planeta. A sofisticação tecnológica atingida pela mídia e a adequação quase perfeita dos “espetáculos” à televisão são responsáveis pela transformação das copas do mundo no maior evento esportivo mundial.

O atual estágio de “espetacularização” (DEBORD, 1996: 39) do futebol, cujas Copas são o protótipo mais acabado, deve ser entendido a partir da relação com outros espetáculos esportivos que, por sua vez, devem ser interpretados em conjunto com a proliferação de eventos de grande porte, sobretudo aqueles voltados ao consumo simbólico e ao entretenimento. Para o entendimento do futebol-espetáculo¹ devemos

* Doutorando em História Social pela PUC-SP.

¹ O termo futebol comporta uma diversidade de significantes. Na comunicação entre os aficionados isso não constitui um problema, mas por vezes oblitera a percepção mais refinada das diferenças atinentes aos sentidos da prática e fruição. Os jogos improvisados, observados em terrenos baldios, e os espetáculos, realizados em grandes estádios, são tratados, seguidamente, de forma idêntica. Para precisar as diferenças, não apenas entre futebolis, mas entre o praticar e o torcer, o torcer e o discutir, e assim por diante, há que se estabelecer algumas peculiaridades. Segundo Arlei Damo, existe o futebol de bricolagem (pelada), o futebol espetáculo, das arenas, o futebol escolar, praticado no âmbito da escola e o futebol comunitário, também chamado de futebol de bairro, organizado nos moldes da pelada, mas com um requinte maior.

considerá-lo como um espaço social relativamente bem estruturado e pressupor em seu funcionamento a interação de ao menos algumas categorias de agentes, a partir das quais é possível traçar um panorama amplo, destacando o que está em jogo em termos de crenças, normas, atitudes e interesses.

Acreditamos que a partir da década de 1970, o futebol adquiriu ainda maior importância entre os brasileiros, graças à popularização da televisão. O esporte teve os olhos do governo militar voltados para si, e teve uma participação significativa no projeto de Médici. Censura e propaganda política são recursos associados para o controle das mensagens, prática comum nos sistemas políticos autoritários. Exercido através da supressão e/ou manipulação da realidade, esse controle pode tanto ressaltar o caráter coercitivo do poder como se constituir em linguagem fragmentária, dificultando a visão abrangente da realidade social.

De modo algum a relação política-futebol se restringe ao período da ditadura militar, sobretudo ao Governo Médici, objeto deste trabalho. Como exemplo, podemos citar o Estado Novo (1937-1945), época em que Getúlio Vargas já se empenhava em associar sua política ao esporte que, naquela época, transformava-se num fenômeno das massas. Na Copa de 1938, realizada na França, a filha de Vargas, Alzira, foi condecorada como ‘madrinha da seleção’. Na Copa de 1950, políticos ligados ao governo de Eurico Gaspar Dutra adentraram a concentração da Seleção às vésperas da final contra o Uruguai, permanecendo até a madrugada conversando com os jogadores e tirando fotos pra campanhas publicitárias. (FERREIRA, 2008: 90).

Porém, as pesquisas recentes que focalizam o futebol como fenômeno cultural total apresentam lacunas na interpretação da relação deste esporte com a ditadura militar do Governo Médici. Sobretudo se considerarmos a história regional do Mato Grosso do Sul e a importância para o Estado representada pela construção do Estádio Pedro Pedrossian. Acreditamos que, na década de 1970, as relações entre futebol, política e sociedade tenham alcançado seu auge. Além disso, a construção da memória em torno da conquista da Copa de 1970 sugere ao historiador a necessidade de entrar “em campo e participar do jogo”.

Ao analisarmos como a memória midiática da conquista da Copa de 1970 foi construída socialmente, podemos observar como as personagens responsáveis pelo treinamento físico e o planejamento de adaptação foram esquecidas ou secundarizadas. Como o futebol se tornou fonte de afirmação do que é “ser brasileiro”, parece tácito, para afirmação da identidade, o esquecimento da rotina do treinamento e da disciplina. Ou seja, a militarização/racionalização do futebol foi subtraída da memória jornalística. Isto poderia colocar em xeque a imagem romântica da autenticidade do “futebol-arte”². Assim, a imagem construída nos jornais e na TV em torno da conquista de 1970 obscurece uma série de fatores, sobretudo o caráter militarizado da seleção, cristalizando apenas o aspecto “mítico” e heróico da vitória brasileira. Para os militares, o sucesso da seleção refletiria o período do milagre econômico no qual vivia a economia brasileira. Nos filmes produzidos pelo governo fica nítida a relação entre o sucesso do futebol e da economia do país. Além disso, são ostensivas as campanhas higienistas. As personagens ‘Sugismundo’, ‘Sugismundinho’ e ‘Doutor Prevenildo’ causaram impacto aos telespectadores de plantão (MATTOS, 1989:34).

Esse trabalho pretende elaborar reflexões sobre a ‘construção’ de realidades em torno do desempenho da seleção brasileira tricampeã da Copa do mundo em 1970, realizada no México. O estudo desse evento torna visível a reificação da Nação através de sua seleção de futebol, fundamento simbólico das Copas do Mundo. Tomar o futebol pela nação que representa consiste numa metonímia utilizada, muitas vezes, como arma ideológica em períodos anteriores ao recorte proposto por esse trabalho. Entretanto, a “seleção canarinho” marca, para nós, um divisor de águas, pois seus jogos foram os primeiros a serem transmitidos pela televisão³ em escala mundial, num momento de enrijecimento do regime ditatorial implantado em 1964, pelos militares, não só nos chamados grandes centros, mas também nos estados mais ‘distantes’, como é o caso do Mato Grosso.

Durante o governo militar, foram construídos mais de 30 estádios com capacidade superior a 40 mil pessoas. Decidimos, portanto, voltar o olhar para esse significativo fato. Mais especificamente, propomos utilizar como parte do objeto de

² Sobre futebol-arte ver HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do País do Futebol*. RJ: Mauad, 2001

³ As transmissões envolveram mais de 60 milhões de espectadores em todo o país.

análise o caso do Estádio Universitário Pedro Pedrossian, mais conhecido como “Moreirão”, construído em Campo Grande (até então, estado de Mato Grosso), e inaugurado em 1971. Acreditamos que tal obra tenha materializado, sob a forma de concreto, a ideologia do governo Médici nas terras do ‘longínquo’ Mato Grosso, como os jornais da época mencionavam.

Hoje sob posse da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), o Moreirão é o maior estádio universitário⁴ do Brasil, inclusive sendo o palco da última partida da Seleção brasileira nas Eliminatórias para a Copa de 2010, no empate sem gols com a Seleção venezuelana.

Segundo Pedro Pedrossian, ex-governador do Mato Grosso, “o Moreirão viveu emoções incríveis tanto no futebol brasileiro como também no internacional”⁵. Este estádio foi projetado por Avedis Balabanian e Ciríaco Maymone, arquitetos muito requisitados na época e que foram autores da maioria dos projetos que compõem a cidade universitária da UFMS. Pedrossian, então governador do estado, acertou com o presidente da Liga Esportiva de Campo Grande (LEMC), Levy Dias, que o estádio deveria ser construído dentro da cidade universitária, pois serviria também ao curso de Educação Física e aos jovens soldados do exército⁶. Dessa forma, tanto a liga quanto os estudantes/soldados teriam um espaço para a prática esportiva. Além disso, o presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) – na época, João Havelange – também estava envolvido em tal construção, pois o Moreirão seria sede da Copa da Independência em 1972. Havelange visitou as obras e deu entrevistas dizendo que a CBD estaria “auxiliando a LEMC na questão do estádio” e também na questão do Campeonato Brasileiro, pois essa obra serviria ainda a essa competição, já que o Operário Futebol Clube e o Esporte Clube Comercial, ambos importantes clubes locais, estavam na disputa do certame. (ROSA, 1993, p.54-55).

A engrenagem esteve bem armada. E o surgimento do Moreirão se colocou como parte dessa engrenagem, pois sua construção esteve ligada à já referida

⁴ O Estádio Olímpico Universitário localizado na Cidade do México foi construído em 1952, é o maior estádio universitário da América Latina, com capacidade para 62.700 e é a casa estádio do Pumas Dorados da UNAM (Universidade Autônoma do México).

⁵ PEDROSSIAN, P., em entrevista concedida ao autor.

⁶ Após a Guerra do Paraguai (1864-1870), o Estado brasileiro montou vários batalhões na região de Campo Grande e nas regiões de fronteira. Essa cidade possui 25 mil soldados. A história do Moreirão perpassa também a história do exército brasileiro na região, o que será mostrado ao longo da pesquisa.

Copa da Independência. Como parte das comemorações do Sesquicentário da Independência do Brasil (1922-1972), a CBD, com auxílio dos militares, decidiu organizar um torneio reunindo 20 seleções de diversos continentes. A competição também ficou conhecida como Minicopa e foi realizada entre os meses de junho e julho de 1972. O Moreirão recebeu jogos das seleções da Bolívia, Iugoslávia, Paraguai, Peru e Venezuela. As seleções do Brasil, Escócia, Tchecoslováquia, União Soviética, Uruguai, Argentina, Colômbia, combinado da Concacaf, França, Chile, Equador, Irã, Irlanda do Norte e Portugal jogaram em outros estádios pelo Brasil afora. A final entre Brasil e Portugal, no Maracanã, foi vencida pelos brasileiros pelo placar mínimo com um gol de Jairzinho (SANTOS 2009:29).

Muitas capitais inauguraram seus estádios na década de 1970. Entre elas, estão as cidades de Goiânia, em 1975, com o estádio Serra Dourada; Cuiabá, em 1976, com o estádio José Fragelli, também conhecido como “Verdão”; Manaus, em 1970, com o estádio Vivaldo Dias; Recife, em 1972, com o estádio José do Rego Maciel Arruda, também conhecido como “Arrudão” e Natal, em 1972, com o estádio João Machado, o “Machadão”, entre outras.

Ora, Copa de 1970, construções de estádios (dentre eles, o Moreirão), o aparecimento da Loteria Esportiva⁷, a Copa da Independência e o Campeonato Brasileiro formam um conjunto de fenômenos que devem ser analisados em sua relação com o projeto político imposto pelo Governo Médici. A construção do Moreirão demonstra como a política mato-grossense estava alinhada à do referido presidente. Em discurso sobre a obra, o então governador Pedro Pedrossian afirmava que “o estádio era prova concreta do clima de progresso que o país vivia”⁸. Já Médici (1971) referiu-se ao estádio como um “novo gigante que se levanta no Mato Grosso demonstrando o clima progressista que vivia a pátria”. Tal construção deve ser considerada como produto desta “época de ouro” do futebol no país.

Os militares tentaram de todas as formas garantir o controle do espaço social e, com a conquista do tricampeonato mundial, o “Estado-Nação Futebol Clube” usaram de todas as ferramentas para colocar seu projeto político em prática. Dessa

⁷ Em 2008, o Governo Federal lançou a Timemania, loteria que viabiliza ajuda aos cofres dos clubes das séries A, B e C do Campeonato Brasileiro.

⁸ Pedrossian inaugura o estádio, Correio do Estado, 08/03/1971 .

forma, a relação entre política, futebol, mídia envolvidos na Copa de 1970 será analisada em nossa pesquisa. Visamos entender as práticas e as determinações sociais dos comportamentos, representações e discursos dos diversos agentes envolvidos. Acreditamos que uma visão crítica por parte da historiografia seja relevante para uma análise conceitual dos mecanismos de dominação que existem na sociedade e, para isso, a construção de tal objeto tem significativa importância ao ofício do historiador.

O estudo da Copa de 1970 e sua relação com a construção do MorenãO consiste num tema passível de análise, pois é a partir dela que o pesquisador apreenderá as relações dentro desse campo esportivo, ou subcampo futebolístico e, a partir daí, procurará mostrar quais são realmente os mecanismos de dominação simbólica que envolvem as práticas políticas e o futebol. Antes de dizer que o futebol ou a seleção estavam a serviço dos militares é preciso, em primeiro lugar, levantar e analisar hipóteses a respeito desse envolvimento.

O futebol foi usado como tentativa ideológica, como legitimador da ordem e do progresso. O resultado do placar tornava-se a prova numérica, quantitativa, irrefutável, da primazia da “Pátria de Chuteiras” sobre o restante da humanidade. O que se vê é a criação de um fenômeno dentro do universo social. Numerosas instituições, muitas vezes concorrentes, contribuem para criar ou modificar as categorias de percepção da realidade; esta vontade de impor a maneira legítima de ver o mundo é um móvel de luta. Segundo Bourdieu (2000:89), a instituição que, mais do que nenhuma outra, detém esta faculdade é o Estado.

No governo Médici (1969-1974), podemos acompanhar o trabalho de codificação, ou seja, a produção de esquemas de percepção e termos novos para designar a realidade. Imperceptivelmente, estes entram na linguagem cotidiana via mídia e parecem dispor da força da evidência. Assim, a linguagem na qual nós nos expressamos não é sociologicamente neutra; ela encerra, em seu vocabulário e em sua sintaxe, uma concepção de mundo normatizadora, em nome do ideal de desenvolvimento e de progresso.

O governo Médici fez da propaganda arma eficaz de popularização de suas políticas a serviço de sua imagem. Credita-se a disparada da economia ao governo “forte” desse presidente, marcado pela censura, repressão e pelo esvaziamento do debate político. A configuração ideológica do regime militar fez com que a democracia pareça

incompatível com os resultados alcançados pelo “milagre econômico”.⁹ A impressão passada ao povo é a de que o desenvolvimento exige um governo forte. Ou seja, um governo militar. Isso também se aplicou ao comando da seleção. Com relação a isso, a revista *Veja*, na época, trouxe a manchete: “O Alto comando da CBD”. A reportagem abordava a composição política da Confederação Brasileira de Desportos (VEJA, 1970:89). A preparação para a Copa de 1970 denota a montagem de um esquema militar de treinamento e acompanhamento das atividades da equipe. Para a chefia da delegação foi designado o major-brigadeiro Jerônimo Bastos, que tinha vínculos com a chefia do SNI¹⁰. Para sua assessoria foi empossado o major Ipiranga Guarany, cuja principal tarefa era a montagem de um forte esquema de segurança que passaria a envolver a seleção. O condicionamento físico dos jogadores foi entregue aos cuidados de oficiais formados na Escola de Educação Física do Exército, com destaque para Raul Carlesso e Claudio Coutinho, que ajudariam a traçar o já referido Planejamento México. Para se chegar ao nome do técnico que substituiria João Saldanha¹¹, foram gastos alguns dias em deliberações, que resultaram na escolha do ex-jogador bi-campeão mundial Mário Zagallo.

Além disso, com raro profissionalismo, o marketing governamental estimulou a autoestima do povo e, sobretudo, suas esperanças, ligando ambas à idéia de um futuro brilhante. Participavam da equipe jornalistas, psicólogos, sociólogos e agências de publicidade, sob a batuta da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), órgão da Presidência da República¹². A figura do presidente é deliberadamente

⁹ O governo Médici não muda a política econômica que vinha desde 1967, sob Costa e Silva. Um de seus fundamentos é a aliança entre governo e empresários. O setor público, no entanto, tem influência crescente na gestão da economia. Eleva significativamente seus investimentos e amplia seu papel regulamentador, com acentuada centralização de decisões. No financiamento do desenvolvimento, os capitais externos tem grande peso qualitativo e quantitativo, seja sob a forma de investimento diretos ou de empréstimos. Conforme informações do Banco Central, os investimentos diretos estrangeiros evoluíram de US\$ 1,6 bilhão no início do governo para US\$ 4,6 bilhão no final de 1973. A indústria recebeu 77% do total. SKIDMORE, Thomas E. *De Castelo a Tancredo – 1964 -1985* - SP: Paz e Terra. 1988.

¹⁰ Depois do fiasco sofrido pela Seleção na Copa de 1966, o temível Serviço Nacional de Informações (SNI) criado pelos Militares, passou a acompanhar de perto a delegação do selecionado apontando uma nova relação entre poder público e futebol.

¹¹ João Saldanha ficou no cargo apenas um ano e sua saída é envolta de muitas histórias, desde sua simpatia pelo comunismo, sua negação em escalar Dada Maravilha até a acusação do técnico de que Pelé possuía sérios problemas de miopia. Tal substituição será melhor analisada na pesquisa. Sobre isso ver MAXIMO, João. *João Saldanha*. RJ: Relume Dumará. 1996.

¹² A AERP foi criada em janeiro de 1968, no Governo Costa e Silva, e só conseguiu alcançar o seu

associada aos sucessos futebolísticos, como a conquista da Copa de 1970. Segundo Médici (1971:90), estávamos vivendo um “momento ímpar de desenvolvimento e progresso e para a consolidação desse movimento era preciso investir na construção de praças esportivas”. Nota-se que a construção de estádios passa a servir a política do governo de integração nacional, numa tentativa de colocar o futebol a serviço de seus interesses.

Uma das imagens mais sólidas e duradouras do presidente Médici é a de torcedor de futebol, rádio de pilha colado ao ouvido. A televisão, particularmente, prolifera de forma rápida nessa época, constituindo-se no principal instrumento de promoção do governo e de seu projeto de desenvolvimento e segurança nacional. Em 1960, menos de 10% dos domicílios tinham aparelho de televisão. Em 1970, já eram 45%. É o tempo do “Brasil, conte comigo”, do “Ninguém segura este país!”, do “Pra frente Brasil!” (um *jingle* veiculado à exaustão, relacionado com o futebol), do “Brasil: ame-o ou deixe-o”.

Segundo Skidmore (1985:23), o Brasil tinha 45 emissoras de televisão licenciadas quando Médici assumiu. Nesse período, o governo concedeu mais de 20 licenças e, nesse processo, ajudou consideravelmente no crescimento da Rede Globo – emissora que aceitou também o financiamento parcial das organizações Time-Life. Seus adversários denunciaram alegando que os laços financeiros desta com a Time-Life violavam a lei brasileira de telecomunicações, que proíbe a propriedade por estrangeiros de órgãos de comunicação. O governo rejeitou a denúncia e a TV Globo continuou a crescer, ultrapassando suas concorrentes como líder de audiência. Diziam seus críticos que esta ascensão podia ser explicada pela defesa dos interesses oficiais através da programação da Rede Globo durante o governo Médici.

Verifica-se, portanto, uma criação de símbolos codificados e exibidos à exaustão, tanto na televisão, quanto nos jornais, rádios, *outdoors* e tudo que fosse de fácil assimilação por parte do público. Indubitavelmente, o emprego da mídia televisiva,

apogeu, apenas, no Governo do General Emílio Garrastazu Médici. No dia 02 de novembro de 1969, apenas três dias depois da posse do general Médici na Presidência da República, os coronéis Otávio Costa e Toledo Camargo definiram as diretrizes que norteariam a maior campanha de propaganda política jamais vista no Brasil. Otávio Costa foi convocado por Médici para chefiar a AERP, tendo como seu auxiliar Toledo Camargo (MATTOS, 1998)

na década de 1970, impulsionou e alargou o caminho para a transformação do futebol em negócio extremamente rentável.

Hoje, o que vemos são grandes empresas transnacionais se apropriarem dos símbolos nacionais, imprimindo-lhes um caráter mercadológico.

Estamos, indubitavelmente, diante de nova formatação do futebol, com a transformação desse esporte em instrumento de dominação econômica e política, manipulado por grupos famintos por lucro, que ampliam e exploram as emoções coletivas, direcionando-os para onde queiram. A transformação do futebol em paixão coletiva – ou sua popularização, como é conhecido este fenômeno – não apenas antecede historicamente sua apropriação política e econômica, como é condição fundamental para que continue sendo atraente para as multinacionais¹³ e para governantes que saibam como operar essa dominação simbólica que se nota dentro da prática futebolística. (BOURDIEU, 1994:23).

Como não basta uma equipe de onze vestir-se com as cores do país para simbolizá-lo (pois as representações não estão dadas, como por vezes se crê), é preciso um aparato engenhoso para encaixar a nação no time, de maneira que ambos se fundam. Isso é feito a cada Copa, mas não menos importantes são os investimentos de longo curso, acumulados na memória dos torcedores. Nesse sentido, a Copa do Mundo se mostra como um agregado simbólico. A “magia” da seleção é, pois, construída/manipulada de maneira que o time venha a ser reconhecido como um símbolo do país. Assim, este trabalho objetiva buscar respostas a uma série de indagações.

Porque nos remetemos ao selecionado como Brasil, e não como seleção brasileira de futebol, como ocorria em épocas remotas? Ou, porque os jogadores são “convocados” a se apresentarem à seleção? O que acontece no caso de deserção à seleção? O Morenã foi usado, pelos militares, como local agregador das massas? O projeto militar surtiu efeito? Os estádios construídos na “época de ouro” tornaram-se grandes “elefantes brancos”? Como estão hoje o Morenã e o futebol sul-

¹³ A Confederação Brasileira de futebol (CBF) possui algumas parcerias de grande porte. A Vivo, gigante das telecomunicações, também tem acordos vigentes com a Ambev, gigante do ramo de bebidas que desembolsa US\$ 10 milhões por ano no contrato, a Nike, multinacional fornecedora de materiais esportivos que paga US\$ 12 milhões anuais à confederação e recentemente apresentou o banco Itaú com cifras também milionárias.

matogrossense? A Copa de 1970 constitui um divisor de águas no futebol brasileiro com a sedimentação do “jogo da bola” como fenômeno cultural total?

A conquista da “seleção canarinho” em terras mexicanas, sem dúvida, impulsionou o projeto militar de controle social e a construção do Morenã¹⁴ torna-se a consolidação disso em terras matogrossenses.

A Copa do Mundo talvez seja um dos últimos redutos do nacionalismo no mundo moderno e, desta forma, talvez seja um dos mais importantes locais para a produção simultânea de identidades nacionais, tornando-se um dos poucos espaços externos à atuação política em que o patriotismo permanece tendo sentido, dando forma e vida a comunidades morais (ANDERSON, 1991:234) que não existe de outra forma. Explicitar as relações envolvendo Copa de 1970, a construção do Morenã, a mídia (televisão e jornais), o governo Médici, torcedores e jogadores é tarefa a que se propõe esse trabalho¹⁵, que tenta manter um dialogo interdisciplinar entre sociologia, antropologia e história social.

BIBLIOGRAFIA

ALABARCES, Pablo. *Crónicas del aguante: fútbol, violencia y política*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2004.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Reflexões sobre el origen y la difusión del nacionalismo, México, DF: FCE, 1993.

BAFFA, Ayrton. *Nos porões do SNI*. RJ: Objetiva, 1989.

BITTAR, Marisa. *Mato Grosso do Sul: Do estado Sonhado ao Estado Construído (1892-1997)* Tese de Doutorado. USP, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *Como se pode ser esportivo*. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro, Marco Zero. 1984.

_____. *La distinction; critique social du jugement*. Paris: Minuit. 1979

¹⁴ Sobre a história do futebol sul-matogrossense ver: ARAUJO. Reginaldo Alves de, *Futebol, uma fantástica paixão – A História do Futebol Campo-grandense*. Tomo I - 1997, *Baluartes do futebol Campo Grandense*. Tomo II - 2003 e *Craques do Futebol Campo Grandense*. Tomo III – 2005. Todos publicados pela Associação de novos escritores de Mato Grosso do Sul. Esse autor também foi entrevistado pelo Autor.

¹⁵ Esse trabalho apesar de apresentar um recorte temporal, não se restringirá apenas á década de 1970. Dessa forma, outras Copas do Mundo serão enfocadas, no decorrer da pesquisa.

- _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. *O Poder Simbólico*. RJ: Bertrand Brasil, 2000
- _____. *Sobre a Televisão*. RJ: Zahar, 1997.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. SP: T.A. Editor, 1979.
- COSTA, Márcia Regina. *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.
- COUTO, Ronaldo Costa. *História Indiscreta da ditadura e da abertura. Brasil: 1964-1985*. RJ: Record, 1999.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. São Paulo. Brasiliense, 1985.
- _____. (org). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1986.
- DAMO, Arlei. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*. Dissertação de mestrado, Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, 1998.
- _____. (2005), *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de doutorado, Porto Alegre, UFRGS/PPGAS.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo*. RJ: Contraponto, 1997.
- DEL VECCHIO, Ângelo. “*política e potencia no regime militar brasileiro.*” In: *Projeto História-Cultura e Poder: o golpe de 64, 40 anos depois*. 29. São Paulo: Programa de Estudos pós graduados em História e Depto de História PUC-SP, 2004.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1986.
- ELIAS, Norbert. *La civilisation des moeurs*. Paris: Calmann-Lévy, 1973.
- _____. *Introdução à sociologia*. Lisboa, Ed. 70. 1996.
- _____. *Por ele mesmo*. RJ: Zahar, 2004.
- _____. *Estabelecido & Outsiders*, RJ: Zahar, 2005
- _____. *A sociedade dos indivíduos*, RJ: Zahar, 2000.
- FERREIRA, João Fernando. *A Construção do Pacaembu*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FLORENZANO, José Paulo. *A Rebeldia no Futebol Brasileiro*. Tese de doutorado. PUC-SP, Ciências Sociais, 1997.
- _____. *A Democracia Corinthiana: Práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: Educ, 2009.
- FOER, Franklin. *Como o futebol explica o Mundo. Um olhar inesperado sobre a Globalização*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- GARRIGOU, ALAIN. *Norbert Elias: La Politique et l'histoire*. Paris: Éditions La Découvert et Syros, 1997.

- GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- _____. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- GASTALDO, Édson. Pátria, Chuteiras e propaganda. *O brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Paulo: Annablume, 2002.
- GASTALDO, Édson; GUEDES, Simoni L. *Nações em Campo. Copa do Mundo e identidade Nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. SP: Nova Alexandria, 2002.
- GUEDES, Simoni L. *O futebol brasileiro - instituição zero*. Rio de Janeiro, UFRJ, Museu Nacional, tese de mestrado. 1977.
- GUTERMAN, Marcos. *O Futebol explica o Brasil: O caso Copa de 70*. São Paulo, PUC-SP, dissertação de mestrado. 2006.
- HELAL, R; SOARES, A.J.; LOVISOLO, H. *Mídia, raça e idolatria: a invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HOBBSAWM, E. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1994
- _____. 1997. “A produção em massa de tradições: Europa, 1789 a 1914”. In: HOBBSAWM, E. & RANGER, T. *A invenção de tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. 1998. *Sobre a história*. São Paulo, Companhia das Letras.
- _____. Caderno *Mais!* Folha de S. Paulo, 2007.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- LOPES, José S. Leite. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”, Revista da USP, Dossiê Futebol, São Paulo, USP, n. 22 (jun, jul, ago), p. 64-83, 1994.
- LOVISOLO, A. J. H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- MATTOS, Heloiza. *Modos de olhar o discurso autoritário no Brasil*. São Paulo: ECA/USP, 1989. Tese de doutorado.
- MAXIMO, João. *João Saldanha*. RJ: Relumê Dumará, 1996.
- MURAD, Maurício. “Corpo, magia e alienação - O negro no futebol brasileiro: por uma interpretação sociológica do corpo como representação social”, Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol, Rio de Janeiro, Uerj, Departamento Cultural/SR-3, 1994.
- _____. “Futebol e violência no Brasil”, Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol, Rio de Janeiro, Uerj, Departamento Cultural/SR-3, n. 3/4, 1996.

- _____. “*Corpo e alienação - o negro no futebol brasileiro: por uma interpretação sociológica do corpo como representação social, magia*”. In: Memórias do Congresso Mundial de Educação Física AIESEP/1997. Rio de Janeiro, Editoria Central Gama Filho, 1998.
- NOGUEIRA, Armando. *Bola na rede*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.
- PEREIRA, J. A. de M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- PROENÇA, Ivan. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1988.
- SALDANHA, João. *Os subterrâneos do futebol*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.
- SANTOS, Newton César de Oliveira. *Brasil x Argentina. Histórias do Maior Clássico do Futebol Mundial (1908 – 2008)*. São Paulo: Scortecci, 2009.
- SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. RJ: FGV, 2006.
- SKIDMORE, *Thomas E. Brasil: de Castelo a Tancredo*. RJ: Paz e Terra, 1988.